

Janete Silva tinha 17 anos e longos cabelos negros quando deixou o Norte do país em direção ao Rio de Janeiro. Migrou contra a vontade de seu pai e de dois de seus oito irmãos em busca de uma vida redentora. Desembarcou na rodoviária no ano de 1997 usando um vestido de flores puído e mais curto que no ano passado. Tinha a pele da cor da madeira, olhos de onça e uma beleza que causava problemas por conta disso trazia na alma o silêncio. Algumas vezes (muito poucas) tinha esperanças, mas como a floresta, tinha seus pés enraizados no pântano. Naquela tarde desceu do ônibus carregando junto ao corpo uma única sacola onde constavam sua certidão de nascimento, uma muda de roupa e a *fotografia desbotada de uma criança dormindo*.

Veio para trabalhar na casa de gente muito rica que lhe pagava trinta por cento do salário porque lhe davam comida e a deixavam dormir no emprego. Sua patroa havia ordenado que escondesse o cabelo e ela o prendeu numa longa trança. Seu quarto era um mísero cantinho atrás da cozinha, quente e abafado com um colchão mofado e uma mesinha desbotada pelo tempo. Sua comida eram as sobras do almoço da família e era proibido comer o presunto e o queijo.

Comprava pouco ou quase nada sempre recorrendo às doações. Suas medidas eram qualquer uma desde que as roupas lhe coubessem e fossem grandes o suficiente para disfarçar seu ótimo corpo. Tinha ainda dois pares de sapatos. Um chinelo que usava em casa e um mocassim de sola gasta dois números maior que o seu. Não saía de casa a não ser para ir ao parque aos domingos na companhia de algum livro que pegava furtivamente dos patrões.

Não tinha amigos. A única coisa que tinha era uma vontade louca de escapar daquela vida ordinária e uma inteligência singular. Durante a semana, sempre depois do café, quando todos saíam, ligava a televisão e estudava concentrada. Quando voltavam já estava com o jantar posto na mesa e uma necessária aparência de invisibilidade.

Tolerava o mau humor dos filhos do patrão e o desprezo velado da patroa com um semblante vazio. Por dentro era bem ao contrário. Sentia nos ossos o ciúme agressivo da patroa e o sadismo dos garotos que a destravam na frente de todos fazendo com que recorresse constantemente ao uso de algum antiácido para acalmar o estômago revirado. Apesar de detestá-los nada se comparava ao ódio que nutria pelo patrão. Era quase sólido. Todos os dias pedia pela sua morte apesar de ter deixado de acreditar em Deus há dez anos. Vingava-se um pouco quando derramava gotas de urina no chá de gengibre que ele tomava com prazer ou quando colocava sorrateiramente pedaços de fezes na torta de chocolate.

Mas a verdade é que nada adiantava quando ele invadia seu quarto às escondidas nas madrugadas escuras e a subjugava com seu desejo bruto aniquilando suas defesas e deixando no cubículo um cheiro agridoce e impermeável no ar. A pior parte era quando Janete o ouvia reclamar de ter pagado caro demais para sua mãe. A cadela o havia enganado! Ela não valia tanto assim.

Determinada a sobreviver, concluiu o supletivo em tempo recorde e prestou o vestibular. Quando o resultado saiu, abriu a geladeira e comeu todo o presunto e o queijo. Depois, de forma organizada, juntou seus pertences, encarou a *foto desbotada da criança dormindo*, deu um longo suspiro e bateu a porta da frente com força definitiva.